

PENNA, AGULHA E COLHER

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alca (Caixa 49)

Supplemento da «Epoca» (A. IX)



Anno II

Florianopolis, 21 de Junho de 1919

Num. 42

Osculo sacrosanto

Jesus, o doce e meigo Pastor das almas, vendo approximar-se o Seu ultimo fim — a morte dolorosissima na cruz — quiz dar mais uma prova do Seu amor generosissimo para com os homens: instituiu o Santissimo Sacramento do altar, para ficar connosco para sempre.

E, na pequenina Hostia consagrada, Jesus vinda suavemente: Vinde a mim vs todos que andais cheios de trabalhos e afflices, que eu vos alliviarei.

Oh! que convite carinhoso!... Que prova inextinguivel de verdadeiro amor!...

Jesus, no tabernaculo, d Sua carne e Seu sangue em comida e em bebida para nos assegurar a vida eterna!...

Quão ingratos seriamos nós, si não recorressemos a essa fonte de amor, que sois Vs,  bom Jesus!

Na Hostia sacrosanta o Vosso coração adoravel arde em vivissimo desejo de se comunicar a todos os homens...

E como inebriais ardentemente a todos que, pressurosos, correm a comer o Manjar celeste, que sois Vs mesmo,  meu Deus e Senhor, tão real e perfeitamente como estais no co!

E, no entanto, quantas almas h ainda que não Vos amam... e que não Vos recebem na Sagrada Communho, porque não Vos conhecem!...

Oxal pudesse eu incutir em cada coração o quanto sois bom,  Jesus, e como consois e encheis de graas e benas, s mais abundantes, a todos aquelles que Vos recebem sacramentalmente com o coração generoso e a consciencia pura.

Que de celeste consolação não experimenta a alma que, ao voltar da sagrada mesa, sente Jesus no coração... essa força e coragem invenciveis que Elle nos d, para proseguirmos no combate desta vida... ora vencendo uma paixão quasi indomavel... ora perdoando uma calunnia atroz... ora fingindo não conhecer a intriga ou maus juizos de pessoas, quem sabe? de quem ella esperava um pouco de amor e gratidão.

Em uma palavra: Com Jesus no coração esquecemos esta vida de miserias, e nos transportamos, em espirito, s regies celestes, onde nos aguarda a palma da victoria.

Communguemos, pois, muitas vezes, irmas carissimas, principalmente neste mez que  consagrado ao Coração de Jesus, e lembremo-nos sempre de que a maior prova do nosso amor para com esse Coração adoravel  recebê-O, dignamente, na Sagrada Communho.

Assim procedendo, receberemos um dia, infallivelmente, o osculo sacrosanto com que Jesus costuma introduzir no co os seus fieis servidres.

Jesus! vinde a nós e guiai-nos  patria celestial!

Florianopolis, 13 de Junho de 1919.

Aucena do Valle.

Confecção de chapéos

Lições praticas e faceis

Extrahimos da «Revista Feminina»:

Conselhos preliminares. Em geral as senhoras imaginam que para fazer um chapéo basta enlaar ou enrolar habilmente uma fita, enfeit-la, aqui e all, de fitas, plumas ou flores, conforme a exigência da estação, e pass-la ao redor de uma frma, e imagi-

Penna, Agulha e Colher

— Publicação semanal —

Assignaturas:

Anno 4\$000
Mez \$400

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

A assignatura annual para os assignantes da «Época» custa 2\$000.

—o—

nam tambem que o gosto, que vae servir de guia a estas operações, nada tem que ver com a aprendizagem, como se esta não fosse necessaria. E'—o, sim. Para a construcção do chapéo ha muita coisa a aprender, fóra do gosto e da habilidade. Ha pormenores technicos, que se tornam indispensaveis.

Ora, para a elaboraçáo de um chapéo, ha regras a observar e um pouco de technica a aprender, que, uma vez adquiridas, viráo simplificar e auxiliar notavelmente o trabalho, o que se não dá se a pessoa, que vae executar esse genero de tarefa, não possui outros principios além do gosto suggerido pelo acaso e pela phantasia.

Basta advertir ás nossas gentis leitoras que a aprendizagem profissional não se faz em menos de dezoito mezes, e, o que mais é, em «ateliers», onde todas as noções technicas são facilitadas. Entretanto, uma moça, que tenha algum gosto e não deseje emprender a confecção de um chapéo muito complicado, póde contentar-se de fazer a sua aprendizagem em menos tempo, frequentando um atelier de chapeleiras. Se a moça for habilidosa, em algumas semanas ficará de posse dos principaes elementos dessa arte, que, seja dito de passagem, não é das mais facéis.

Algumas formas de chapéo de creanças, taes como os bonets de tres pannos, as toucas quadradas e outras variedades analogas, podem ser executadas segundo modelos em papelão ou em musselina. Ha casas onde se vendem esses moldes.

A confecção dos chapéos necessita alguns objectos e utensilios, um pouco differentes dos materiaes empregados para os trabalhos de costura. São elles:

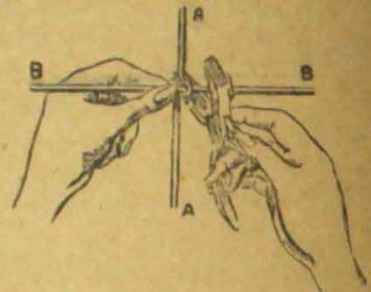
- 1.º—Um alicate de aço, para cortar o arame da armação ou para fixal-o;
- 2.º—Alfinetes de aço, mais longos e fortes que os empregados pelas costureiras;
- 3.º—Agulhas, chamadas «agulhas modistas», do comprimento das agulhas de alinhavo, mas com um fundo menos alongado;
- 4.º—Fios de arame, de differentes grossuras, para fazer a armação;
- 5.º—Linha de coser, mais forte que a empregada nos trabalhos de costura, preta e branca, glacé, especial para modas. (A numero 40 serve para fixar os enfeites, a numero 100 para coser as formas).



Ponto de moda — Fig. 1

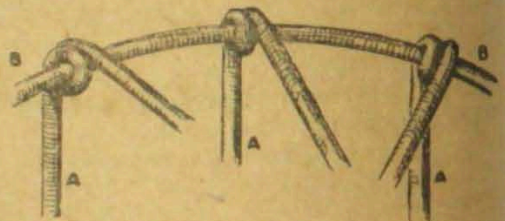
O ponto de moda ou de modista. Veja-se a figura 1. Este ponto é uma especie de ponto de casear, muito espaçado, especialmente empregado para coser nos chapéos. E' muito solido, sem que, entretanto, o pareça. Executa-se passando a agulha, por exemplo, sob o arame, fazendo-a passar depois num anel de linha para formar um nó semelhante ao ponto de casear.

De uma maneira geral, quando se fixa o arame ou qualquer outro material sobre um chapéo, a agulha nunca deve atravessar a fazenda ou a palha do chapéo.



Crochet modista — Fig. 2

O «crochet modista», figura 2, é, como o ponto de moda, a primeira coisa que deve aprender a pessoa que queira confeccionar os seus chapéos, porque estas duas especialidades do trabalho de chapeleira constituem a mais indispensavel aprendizagem para a confecção dos chapéos.



Crochet modista — Fig. 3

O chrochet modista, figura 3, é o modo como se fixam dois arames um sobre o outro; executa-se por meio de dois arames perpendiculares um ao outro. Com o arame A enrola-se o arame B, que deve estar fixo, mantendo-se sempre perpendicularmente ao primeiro. Logo que o nó esteja assim formado, comprime-se fortemente com o alicate, de maneira que os dois fios de arame fiquem completamente adaptados.

Esta maneira de fixar os fios de arame é empregada na confecção de certas «barrettes», e em certas fórmas de chapéo, antes de serem recobertas de fazenda.

Bastam estas linhas para dar as primeiras noções da arte de fazer chapéo. Achamos de bom aviso dar ás nossas leitoras as noções preliminares e aos poucos, de modo

a facilitar a aprendizagem, detalhe a detalhe, até abordarmos as noções mais elevadas, para as quaes são necessarios esses primeiros elementos a que nos referimos.

A arte de modista e a economia domestica.
Em geral, as nossas patricias elegantes da classe média não entendem absolutamente de costura. Isso é lastimavel. Que as moças ricas não entendam disso, váe bem. O tempo que gastam em aprimorar a sua educação de salão, em apetrechar o seu espirito com o cultivo das linguas estrangeiras, em adquirir noções de sciencia e elementos de eruditiſmo, indispensaveis a uma educação completa, não lhes dá vagares para se preocupar com confecção de chapéos, toilettes e roupas brancas. De resto, a fortuna, de que dispoem, necessitam ellas gastar de qualquer fórma, e não é máo que a gastem para alimentar as humildes operarias, modistas ou chapeleiras. Mas as moças pobres, que se dão ao luxo de comprar os seus chapéos e mandar confeccionar as suas roupas nos magazins de moda, sacrificam os seus paes e maridos. Reflectam bem as leitoras nestas considerações. A senhora ou a moça que exige do seu esposo ou do seu pae quasi a totalidade do seu modesto ordenado para gastar em chiffons e luxo, não tem consciencia. O dinheiro ganho pelo funcionario, pelo pequeno commerciante ou pelo advogado, não póde ser esbanjado, porque é ganho com immenso esforço e é, sobretudo, um dinheiro incerto, dependente de crise da praça e de mil outras circumſtancias. Nas familias modestas toda economia é pouca. E não é justo que os chefes de familia se privem de tudo para ver as suas economias desperdiçadas pela esposa e filhas em gastos que podiam evitar.

As moças e senhoras que não dispõem de meios de fortuna, antes de aprenderem qualquer prenda, como bordado, renda, pintura, musica ou qualquer outra, devem adquirir as noções mais seguras de costura e confecção de chapéo. Essas são indispensaveis e a sua utilidade é indiscutivel, emquanto que todas as demais são superfluas. Uma senhora, que tenha essas noções, fará, ella propria, a sua roupa branca, as suas «toilettes» de pouca responsabilidade, os seus chapéos, etc.

Palmatoria em scena

Aposto como as amaveis leitoras da «E'poca» dirão com seus botões: quem será esta intrusa que quiz metter aqui o seu bedelho, lembrando os tempos que já lá vão?

E' verdade, carissimos leitores da «E'poca», e, sobretudo, dedicadas assignantes da «Penna, Agulha e Colher», sou uma verdadeira intromettida, pois com o modernismo a Palmatoria deixou de exercer o seu officio; porém na casa da laboriosa Tia Xanda eu ainda occupo meu lugar competente, atraz da porta, e, apesar de velha e carcomida, devido ao

uso que tive, ainda gosto de dar algumas palmatoadas ás furtadellas.

Amaveis donzellas, si bem que banida e abandonada, não desconheço o impulso que quereis dar á nossa «E'poca», correspondendo quanto podeis aos esforços inauditos de abnegados propugnadores da Imprensa Catholica, que desejam vel-a diaria.

E por que não? Quem se diz catholico e ama este pedacinho do torrão brasileiro deve ser assignante deste sympathico orgão, que traduz, no seu conjuncto, trabalho, sacrificio, boa vontade!

Pensei que o jornal das donas e donzellas me rechassasse como imprestavel e antiga, porém, como usaram commigo da maior consideração, aqui me tendes, começando a justiça por casa.

Ah! tia Xanda, tia Xanda, ficou muda? Quem sabe se costurou a lingua, de tanto serzir? Eu, senhora, já não presto para nada, mas Vossemecê, tão perfeita a perpassar seguidamente a agulha por seus dedos de alabastro, podia e devia, com suas maneiras suaves, voltar aos conselhos que em tão boa hora deu ás queridas sobrinhas.

Ah! si eu pudesse exercer o meu ministerio, Vossemecê ganharia uma boa meia duzia de bolos sem ser de colher! Mas, como os tempos mudam!... Cala-te,

Palmatoria

DOMINIOS DA ESPHINGE

7º. TORNEIO CHARADISTICO

(Abril, Maio e Junho)

Tres premios ás vencedoras

—o—

48) LOGOGRIPO

Metal sou, mui estimado, — 3,10,6,1,10,5
Estou na horta ou no quintal; —
7,2,9,11,3,1,5

Sou ornato ou um trinado
Na execução musical. — 6,7,10,3,5
Sou medida conhecida — 3,4,6,7,8.
Em casa do mercador;
No mais virente jardim
Sou a mais mimosa flôr.

Diva d'Alva.

—o—

49—53) NOVISSIMAS.

A criminoſa deu um golpe neste pedaço de fazenda — 1,2.
A astucia com que pegaste na flor deixou-a magoada — 2,2.

E. A.

Bemaventurado seja além quem gosta de caranguejo — 2,1.
O amphibio na horta come a fructa — 2,1.
Comtante que, sendo a mais pequena, é sempre uma nota — 1,3.

Diva d'Alva.

Uma aposta bem feita

COMEDIA EM 2 ACTOS
Adaptação de Edésia Aducci

PERSONAGENS:

D. Francisca, dona do hotel.
Rosa, sua sobrinha.
Crescencia, cozinheira.
Estudantes: Carmen, Judith, Emma, Leonor, Margarida; tres meninas menores; Florisbella Madresilva.

ACTO II

Uma sala do hotel «A gança dourada»; no meio uma mesa grande com cadeiras ao redor. Um relógio na parede.

—o—

SCENA VII

As precedentes menos Crescencia e Rosa

Carmen — Então, D. Francisca? deseja continuar? ou acha melhor declarar-se vencida? (D. Francisca gesticula, zangada, dizendo que não.)

Judith — (olhando para o relógio) Falta ainda meia hora! Não está desanimada? (D. Francisca, idem.)

Leonor — Não?... Então continuemos a aposta! (Todas se sentam outra vez, retomando suas occupações.)

SCENA VIII

Entra, pela esquerda, a Senhorita Madresilva, em traje de viagem

Madresilva — (entrando, alegre) Boa tarde, minhas senhoras!

Todas — Boa tarde!

Madresilva — E' mesmo aqui o hotel «A Gança dourada»?

Carmen — (levantando-se) Sim, minha senhora. Com quem temos a honra de falar?

Madresilva — Meu nome é Florisbella Madresilva, e o que me traz aqui é o desejo de alugar um quarto por 15 dias.

Carmen — Ah! isto é com a dona do hotel (aponta para D. Francisca), pois nós também somos hospedes.

Madresilva — Desculpe-me, então! (A D. Francisca) Que me diz, madama? Tem um quarto vazio, com tres ou quatro camas, que eu possa occupar, com minhas priminhas, por 15 dias? (D. Francisca faz signal que não pode falar.)

Madresilva — (admirada) Como? Não? Mas por que a Sra. não fala?

Carmen — Desculpe, minha senhora. D. Francisca não pode falar antes das 5 horas.

Madresilva — Que diz? Não pode falar antes das 5? Parece que as Sras. estão caçoando conmigo!

Judith — Oh! nem por sombra! Trata-se de uma aposta, distincta Senhorita!

Madresilva — De uma aposta?

Leonor — Sim! Apostámos com D. Francisca que ella não seria capaz de guardar completo silencio durante uma hora, e ella quer mostrar que o poderá!

Madresilva — Oh! que pena terem feito a aposta justamente hoje, pois não posso espe-

rar a resposta até as cinco, porque estou com muita pressa. (Dirigindo-se para a porta) Adeus! Desculpem a maçada! (D. Francisca segura Madresilva pelo braço e diz ás estudantes, por signaes, que respondam em seu logar.)

Carmen — (a Madresilva) Ah! D. Francisca está dizendo que concluamos o negocio em seu nome. (D. Francisca diz, com a cabeça, que é isso mesmo o que deseja.) A Sra. deseja um quarto com 3 ou 4 camas, não é?

Madresilva — Sim.

Carmen — Pois bem: pode vir, que o quarto está ás suas ordens.

Madresilva — E o preço?

Judith — 5\$000 por dia, por pessoa.

Madresilva — E podemos vir hoje á noite?

Carmen — Sim. Não é, D. Francisca? (D. Francisca confirma).

Madresilva — Então... até logo! (A's estudantes, rindo) Muito obrigada, amaveis senhoritas, pelo serviço que me prestaram. Até á vista, Madama, e... cuidado!, para não perder a aposta! Adeus! (Sac.)

2) ANCILLA DOMINI

NA INTIMIDADE

Laura não respondeu. Pobre criança! pensou ella, ah! possa eu livral-a da triste experiencia das dôres;... será isto possivel? não terá a pobrezinha de passar pelo mesmo cadinho de todas nós?

E enquanto Laura, de novo ajoelhada junto á mala, ia arranjando as mil bugigangas que Mécia queria levar, enquanto a moça continuava a escrever, a mãe revia todo o seu passado de joven desposada.

Sim, tinha razão a filha, Laura tinha chorado muito, e aquelles bellos olhos sonhadores e tristes pareciam guardar ainda o reflexo de tantas lagrimas derramadas. Muito novinha casara com Sergio Travassos; era elle um guapo rapaz, muito polido e fino; bastante rico para não se matar de trabalho, occupava-se, porem, algum tanto, afim de dar alimento a sua brilhante intelligencia. Laura foi feliz durante um anno inteiro, mas, quando a sua primogenita contava apenas mezes, a triste esposa teve certeza de que Sergio não sabia cumprir com fidelidade as promessas sagradas que lhe fizera. Então começou ella a dolorosa ascensão de seu calvario. Laura era uma natureza delicada, sensível e meiga. Ao perceber o seu amor ludibriado, não teve uma palavra acerba de recriminação, concentrou toda a dôr n'alma e cada vez mais meiga e mais affavel, esperava a sua hora de reconquistar o volúvel e leviano esposo. Mécia, já crescidinha, mais de uma vez surpreendeu a mãe a chorar, e desde então, a menina voluntariosa, de caracter rebelde e altaneiro, tomou consigo mesma a resolução de nunca mais resistir nem desobedecer á triste e bonita mamãe.

(Continúa)